

## Parte III

### *Da visibilidade seletiva do preto no branco*

#### *A invisibilidade da mulher negra na imprensa negra do Brasil: uma questão de gênero*

*Maria Saraiva da Silva*

Eu sempre dancei. Minha primeira lembrança de felicidade,  
quando era pirralha magrela e desgredada,  
é a de me mexer ao som dos tambores...

A música é um vento levado pelos anos, pelas lembranças  
e pelo temor, esse animal que carrego preso dentro de mim.

Com os tambores desaparece a Zarité de todos os dias  
e volto a ser a menina que dançava quando mal começava a andar.  
Bato no chão com as solas dos pés, e a vida sobe pelas minhas pernas,  
percorre meus ossos, apodera-se de mim,  
acaba com minha tristeza e adoça a minha memória  
“Dance, dance, Zarité, porque escravo que dança é livre...  
enquanto dança”. Eu sempre dancei.

*Isabel Allende – A Ilha sob o mar*

### **Pensares Iniciais**

O presente trabalho originou-se a partir de estudos sobre a temática *Imprensa Negra no Brasil e nos Estados Unidos a partir dos anos 1920 e 1930*, inserida na disciplina de Movimentos Sociais de Maioria Afrodescendente, tendo por base a pesquisa de Amílcar Araújo Pereira. A escolha pelo texto de Amílcar Pereira Araújo para dar base a este escrito ocorreu em virtude da aproximação da comunicação social com a história social correspondente, da semelhança histórica de escravização e resistência ocorrida no Brasil e nos Estados Unidos da América.

Com o tema imprensa negra, optamos por um recorte de gênero para associá-lo à metodologia aplicada na disciplina: *Movimentos Sociais de Maioria Afrodescendente*, durante o curso de mestrado em educação da Universidade Federal do Ceará, que têm a *mulher negra* como *locus* de pesquisa. Buscamos neste processo saber como ocorreu a participação da mulher negra na imprensa negra brasileira, pois entendemos que esta presença feminina se apresenta praticamente invisível na história oficial.

Ao iniciar a nossa pesquisa, atentamos que duas mulheres negras se sobressaíram como jornalistas na imprensa negra brasileira: Maria de Lourdes Nascimento - Assistente Social - e Eunice de Paula Cunha - Professora.

Em relação à pesquisa de Amilcar Araújo Pereira, o problema suscitado se refere à correspondência entre os jornais dos Estados Unidos e Brasil, na intitulada imprensa negra, que divulgaram, trocaram experiência e incentivaram os movimentos negros entre os dois países. Pereira (2010), para demonstrar essa relação, utilizou em sua dissertação de mestrado, intitulada *O mundo negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil - 1970-1995*, dois jornais importantes da imprensa negra dos Estados Unidos: o *The Baltimore Afro-American*, fundado em (1896) e o *Chicago Defender*, fundado em (1905), registrando em seu trabalho a relação entre o Jornal brasileiro *O Clarim d'Alvorada* e o norte americano *Chicago Defender*.

A troca de dados através destes jornais gerou no movimento negro norte americano a expectativa sobre a probabilidade de as relações raciais no Brasil estarem em momento sólido e pacífico, fato que posteriormente seria confrontado com o “Racismo cordial” existente no Brasil, em que as aparências nas relações sociais demonstravam que as relações entre brancos e pretos estavam bem definidas.

Entre 1914 e 1934, segundo Amilcar Araújo (2010, p.114), “O Brasil é apresentado pelo *Chicago Defender* como o melhor exemplo de “harmonia racial”, de liberdade e de igualdade de oportunidade para os negros [...]”.

O contato com essas informações promoveu a aproximação com a temática “imprensa negra”, no sentido de se saber sobre as afinidades entre o contexto norte americano, brasileiro e africano, no tocante às

influências das lutas por direitos civis, participação política e independência dos países africanos. Halward Farrar (1988 *apud* PEREIRA, 2010), aponta que “[...] a imprensa negra tem mostrado o mundo para a comunidade negra, a comunidade para si mesmo, e a comunidade para o mundo[...]”

Com base nos dados históricos sócias e para complementar a coleta de informações, a visão do “Mundo negro” sobre mundos e sociedades negras, procuramos compreender a participação das mulheres negras nos movimentos negros gerados a partir das publicações dos periódicos da imprensa negra, para entender os papéis diretos ou indiretos dessas mulheres na imprensa negra do Brasil.

Amilcar Pereira, ao citar Myrdal (1944, p.909), relata “[...] a importância que a imprensa negra teve para a formação de opinião entre os negros, para a criação de instituições negras, para a organização de lideranças negras e para as ações geralmente conjuntas”. Ele acreditava inclusive que a imprensa era “o maior poder dentro da comunidade negra” (MYRDAL, 1944 *apud* PEREIRA, 2010).

Relata-se que essa imprensa negra, militante no século XX, formou o “embrião” da Frente negra brasileira-FNB, primeira organização política negra brasileira, fundada em 1931 (RUFINO, ANO *apud* PEREIRA, 2010, p.12).

A Frente Negra Brasileira se estabelece em São Paulo no ano de 1931 e, em 1936, é instituída como partido político, com o propósito de unir, política e socialmente, a Gente Negra Nacional em torno da afirmação dos direitos históricos da população negra e para reivindicar seus direitos sociais e políticos (DOMINGUES, 2007).

## 1. Mulheres negras na Frente Negra Brasileira e imprensa negra

Já apresentadas informações preliminares, o presente artigo tem por objetivo verificar a participação feminina na Frente Negra Brasileira a partir dos Jornais *Quilombo*, fundado em 1950 por Abdias Nascimento, e *O Clarim*, fundado em 1934 por Fernando Goes e outros colaboradores ativistas, como José de Assis Barbosa, Eunice de Paula, Henrique Antunes Cunha e Oscar de Paula Assis.

O *Clarim* foi considerado o jornal do Clube Negro de Cultura Social, sendo ambos de relevância para o desenvolvimento da pesquisa sobre o papel da mulher negra na imprensa negra brasileira.

Jornal O Clarim D'alvorada

Fonte: <https://www.ceert.org.br/noticias/comunicacao-midia-internet/5999/resistencia-imprensa-jornal-o-clarim-dalvorada>

Jornal Quilombo, Teatro Experimental do Negro, Rio de Janeiro, Ano I, N.1, Dez/1948

Fonte: [https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasilel/docs/jornal\\_quilombo\\_a](https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasilel/docs/jornal_quilombo_a)

## 2. Maria de Lourdes Nascimento e a Imprensa Negra no Rio de Janeiro

Diretora e gerente do jornal *Quilombo*, segundo Silva (2010, p. 32-34), Maria de Lourdes Nascimento foi a mulher que, tomando à frente da articulação daquele jornal e sendo produtora da coluna Fala mulher, tinha por força intelectual e interior o propósito de instigar as mulheres negras para a inserção na vida política.

Maria de Lourdes Nascimento, dentre suas lutas pela emancipação das mulheres negras, tinha por meta o alcance dos direitos trabalhistas de forma regulamentada. Criadora do Conselho Nacional de Mulheres Negras, que tinha um espaço em que os direitos jurídicos poderiam se alçados pelo povo negro, suprindo necessidades primordiais, como o registro de nascimento. Como assistente social, idealizou pesquisas e estudos em que se fundamentassem os direitos legais das empregadas domésticas e sobre as doenças psicossociais que a prostituição ocasiona. O racismo era um dos temas em que a ênfase se dava pelo incentivo à luta de mulheres negras. A sua fala, no jornal *Quilombo*, estimulando a inserção política das mulheres, mostra o quanto o pensamento crítico é avançado para um período em que as vozes femininas eram caladas:

Se nós mulheres negras do Brasil, estamos mesmo preparadas para usufruir os benefícios da civilização e da cultura, se quisermos de fato alcançar um padrão de vida compatível com a dignidade da nossa condição de seres humanos, precisamos sem mais tardança fazer

política... Precisamos constituir um exército de eleitoras pesando na balança das urnas. Usar o máximo as franquias democráticas que nos asseguram o direito que é também o sagrado dever cívico de votar e sermos votadas para qualquer pleito eletivo nas próximas eleições de 3 de outubro (*Jornal Quilombo*, ano II, n. 6, Rio de Janeiro. 1950)

Ao acompanhar o sofrimento do povo negro em sua profissão de assistente social, observava e conhecia de perto os transtornos da miséria causados ao seu povo e, através de suas observações, realizava denúncias em sua coluna do jornal, levando, a toda a sociedade, o que havia de mais angustiante e que a deixava transtornada diante da pobreza infringida àqueles/as à margem da sociedade.

É inacreditável que numa época em que tanto se fala em justiça social possa existir milhares de trabalhadoras como as empregadas domésticas, sem horário de entrar e sair do serviço, sem amparo na doença e na velhice, sem proteção no período de gestação e pós-parto sem maternidade e sem creche para abrigar seus filhos durante as horas de trabalho (*Jornal Quilombo*, ano I, n. 3, Rio de Janeiro, julho de 1949).

A profundidade das denúncias de Maria de Lourdes Nascimento foi tema apresentado e discutido no I Congresso Negro Brasileiro, realizado entre 29 e 4 de setembro de 1950, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, retomando os processos das ações ativas das mulheres negras nas lutas por interação social, Joselina Silva (2008, p.105-106) apresenta como se deu a participação nos movimentos negros nesse congresso.

A realização do Congresso é coincidente com as comemorações dos cem anos de término do tráfico negreiro para o Brasil. Uma de suas principais características foi ter se transformado numa sinergia entre os ativistas e os pesquisadores acadêmicos. A conferência trazia o tema da discriminação racial e o racismo a ser consignado como crime previsto em lei, o que acabou contribuindo para que a lei Afonso Arinos fosse promulgada, logo depois. O congresso transformou-se num dos grandes momentos em que as mulheres negras apresentaram vários trabalhos. A voz de Maria de Luordes Nascimento se fez ouvir em defesa da realização de estudos que permitissem atentar para os problemas de ordem psicossociais da prostituição e pelos direitos das empregadas domésticas. (NASCIMENTO, 1982)

A visão expandida de Maria de Luordes Nascimento a colocava em situação de destaque dentre as tantas mulheres negras de sua época. A sua meta era fazer com que outras mulheres pudessem se permitir serem vistas, enxergando seu íntimo, sua subjetividade e aflorando seus gritos de liberdade das condições a que eram forçadas a permanecerem. O I Congresso de Negros do Brasil foi o impulso para tantas outras frentes a serem transpassadas. A voz de Maria de Luordes Nascimento se tornou a voz de milhares de mulheres negras no Rio de Janeiro.

Apresentado pela Dra. Joselina da Silva na revista da ABPN, 2010, um dado relato, apanhado por esta pesquisadora, professora, mulher negra, se dizia que de tudo que se discutia neste congresso, a coluna *Fala Mulher* o publicava, aproximando anúncios, denúncias e convocação à mudança nos direitos fundamentais à vida da população negra e, não obstante, das mulheres negras. “Para as empregadas domésticas o regime é aquele mesmo regime servil... pior do que nos tempos da escravidão... A regulamentação do trabalho doméstico é de uma urgência que não admite mais protelações” (Idem, *ibidem*). O *Jornal Quilombo* circulou entre dezembro de 1948 e julho de 1950, sempre com as colunas assinadas por Maria Nascimento voltadas para as mulheres negras.

### 3. As sutilezas masculinas em relação às mulheres negras na imprensa negra

Petrônio Domingues (2005) *apud* Regina Pinto (1993) diz que há, na imprensa negra brasileira, uma predominância masculina e que o machismo aparece nos jornais de modo sutil, em formato de elogios e justificativas, configurando a permanência mais efetiva da mulher negra fora das lideranças do movimento político social.

Uma característica da imprensa negra foi o domínio absoluto dos homens. No levantamento realizado entre 1907 a 1937 por Regina Pinto verificou que apenas 15 dos 244 colaboradores eram mulheres. A mulher também esteve ausente dos cargos de chefia! Apenas “uma mulher integrou o corpo editorial do jornal *O Clarim* em 1935, exercendo a função de redatora” (p.350).

A frequência das mulheres negras nas reuniões ordinárias da Frente Negra Brasileira demonstrava o quanto estavam desejosas de se integrar com afinco nas lutas e conquistas de direitos para si e para os demais descendentes. Domingues (2005) afirma:

As frentenegrinas até conquistaram a “Sala Feminina”, um espaço na sede para tratar de suas questões. Dois eram os organismos internos que tinha um recorte de gênero: as Rosas Negras e a Cruzada Feminina. Mas não se podem subestimar os fatos: as mulheres negras ocuparam um papel tido como periférico na FNB. Os dois organismos que lhes eram destinados realizavam, apenas, atividades que os homens consideravam de menor importância. A atuação das mulheres negras foi imprescindível para manter a união e coesão dos associados da FNB.

Nas primeiras décadas do século XX, não havia como se ter a participação feminina nas decisões de organização social e política, pois a voz da mulher não contava para efetivação de decisões que pudessem mudar a ordem vigente.

Nos dois casos que investigamos, nas mídias atuais, as figuras de Maria de Lourdes Nascimento e Eunice de Paula Cunha, não encontramos referências mais aprofundadas destas personalidades como engajadas nos movimentos sociais negros, o que parece apontar para um movimento de invisibilidade.

Maria de Lourdes Nascimento não aparece em fotos ao lado do marido Abdias Nascimento, mesmo as fotos mais antigas do Teatro Experimental do Negro ou no ativismo social e político.

Parte daí a razão da professora doutora Joselina Silva, em entrevista realizada no dia 11/9/2008 para a TV Escola no Programa *Salto para o Futuro*, destacar esta personalidade feminina, a fim de que se realizem pesquisas bibliográficas sobre a sua vida, procurando valorizar sua colaboração em ações voltadas para a ascensão social das pessoas negras no Brasil.

#### **Salto – Você teria alguma história, algum mito, alguma lenda para nos contar?**

Joselina – Eu tenho uma história sim. É uma história de uma mulher negra que se chama Maria de Lourdes Nascimento. É uma mulher, assistente social, que atuou muito nos anos 40 e até final dos anos

50, no Rio de Janeiro. É uma das mulheres fundadoras do Teatro Experimental do Negro, aqui no Rio de Janeiro, é uma mulher que foi responsável por organizar, naquele momento que, certamente, não era um momento político ideal, foi responsável por organizar um Congresso Nacional de Mulheres Negras a partir do Rio de Janeiro, em 1948. Sem dúvida, essa é uma história que precisa ser recontada, não é uma história mítica, é uma história real de mulheres que estão na luta como várias de nós. (SILVA, 2008)

#### 4. Eunice de Paula Cunha e a Imprensa Negra em São Paulo

Deter-nos-emos com nossos olhares sobre a Imprensa Negra de São Paulo, para que se tenha uma conotação do papel da mulher negra e a invisibilidade forjada a partir de ditames de ordem social e política sobre a ação feminina.

Flávio Tales Ribeiro Francisco (2010) apresenta a imprensa negra de São Paulo, entre as décadas de 1924 e 1932, como lugar de relevância para os frequentadores dos clubes sociais negros que, além de suas atividades sociais, aproximou a comunidade negra.

Os periódicos que foram surgindo, em primeira instância, tratavam de publicar as relações sociais da sociedade negra, que buscava ascendência. A cobertura de casamentos, batizados e participação nas atividades dos clubes sociais negros apareciam como manchetes (Idem, 2010, p.19).

Os clubes sociais, as sociedades dançantes, entre outros espaços do mesmo gênero, ganham maior importância se levarmos em consideração o fato de que a imprensa negra paulista nasceu justamente nesses ambientes. Os jornais publicados pelos “homens de Cor”, forma criadas, primeiramente, para trazer aos seus leitores informações relacionadas aos eventos promovidos pelos grêmios recreativos. Com suas notas recheadas de casamentos, falecimentos e batizados. Os periódicos negros revelavam um pouco da natureza da imprensa brasileira, e principalmente da imprensa paulista daquela época.

As publicações dos periódicos da imprensa negra no Brasil trazem vertentes das lutas políticas e sociais de afirmação da comunidade negra organizada. A imprensa negra vem surgir, na história do Brasil, em momentos cruciais de decisões para a política e para a sociedade.

A relação dos jornais da imprensa negra com os aspectos históricos do Brasil, como a libertação da escravidão, a proclamação da república e as organizações de entidades religiosas, apontam para a tomada de decisões que influenciaram o surgimento de lideranças negras para o campo da política, da sociologia e outras ciências que determinaram os rumos dos movimentos sociais relacionados aos direitos de inclusão da população negra nas pautas de políticas públicas.

As questões de ordem social e política que tratavam do combate ao preconceito racial surgem, na imprensa negra de todo o Brasil, como forma de enfrentamento e resistência na luta pelos direitos iguais de participação na sociedade. Sobre este ponto, Petrônio Domingues (2004) nos diz que as solicitações político-sociais surgem, entre os anos (1932-1938), em forma de reivindicações pela libertação intelectual da população negra pelas vias da educação.

Seria então, através da educação escolar formal, que a população negra alcançaria a ascensão social que buscava. Domingues (2004) expõe como o jornal *O Clarim* trata o assunto no artigo “A escravidão espiritual”, avaliando o processo histórico:

O 13 de Maio de 1888 pôs abaixo a “Bastilha” da escravidão física. Mas, resta ainda uma batalha a se travar, a maior de todas que a raça negra tem travado, pois é a mais importante. É a batalha pela abolição da escravidão espiritual do negro.

Sim meus amigos de São Paulo, de minha terra, o negro no Brasil é livre, mas não tem instrução.

Esta é que é a triste verdade. E nós, que temos tido alguma instrução a custa de nosso próprio esforço, que temos a noção da realidade, que temos a compreensão das necessidades da raça, devemos despertar os nossos irmãos na cor para mais essa luta, a luta pela cultivo do espírito. Negros de São Paulo, negros de toda vasta nação brasileira, levante a vossa maior campanha de todos os tempos, a campanha pela abolição da Escravidão Espiritual (*O Clarim*. São Paulo, maio de 1935, p.2).

Ao nos determos na temática da mulher que escreve para a imprensa negra de São Paulo, atentamos para Eunice Paula Cunha que, no jornal *O Clarim*, chama a atenção para a educação da mulher negra, no sentido de superar a sua condição diante da sociedade e da posição ocupada pelos homens.

Na edição de Fevereiro de 1935, Eunice de Paula estava com o posto de secretária do periódico o qual seu esposo Henrique Antunes Cunha era um dos editores. Nas matérias do jornal *O Clarim*, ficam explícitas as tentativas de chamar a atenção da população negra feminina para si mesma e da população negra frente às ações da elite feminina branca.

Pedro de Souza Santos (2007, p.163) apresenta uma matéria em forma de protesto com o título “Carta a Nice” e nesta percebemos que parte da preparação educativa das mulheres negras nestas décadas tinha como finalidade estar a serviço da elite branca:

As mulheres abastadas de nossa terra, essas que dizem de nobre estirpe e alta linhagem, mas que se esquecem na sua ignorância, que a sua genealogia, se fora aprofundada, vai acusar no mais remoto dos seus descendentes, um degredado lusitano ou um velho negro da África, e quando muito um produto do cruzamento racial, um mameluco, essas mulheres minha amiga é que pretendem fundar uma escola onde as famílias de São Paulo poderão encontrar para seu lar, auxiliares revestidas de idoneidade e competência.

[...]. O nome que deram a nova escola foi o de Luiz Gama. Nós bem sabemos Nice quem foi Luiz Gama e o seu nome em tal escola é o opróbrio é avergonha, é o ridículo com que nos querem atingir (*O Clarim*, n.4, Maio 1935, p.6).

Muito embora a matéria tenha o título de “Carta a Nice” e nos dê a impressão de ter sido escrita por uma mulher, “Nice”, um dos tantos pseudônimos de Eunice da Cunha, foi assinada por um homem.

Este homem era Fernando Goes, membro do Clube Negro Cultural Social de São Paulo, em sua segunda fase. Diante da comunidade negra Fernando utilizava a alcunha de Gandhi Araújo (DOMINGUES, 2004).

Vimos assim, retomando a questão da invisibilidade da mulher na imprensa negra, que, quando um homem está se dirigindo às mulheres negras de forma geral e dando a elas um único nome “Nice”, há uma padronização no grupo ao qual está dirigida a matéria. Utilizando-se do nome de uma personalidade negra de importância para a sociedade negra, mascara-se a preparação de moças e mulheres negras para o serviço doméstico unicamente.

Em outro momento, vamos ter Eunice de Paula escrevendo no editorial de *O Clarim da Alvorada*, direcionando seus escritos para vários leitores, mas o seu público alvo são as mulheres negras. Petrônio Domingues (2004) apresenta um artigo escrito por Eunice de Paula, redatora do jornal *O Clarim da Alvorada*, que incentiva a emancipação feminina através da publicação do artigo “A mulher moderna e a sua educação”:

Malgrado todos os ensinamentos da vida prática, muitos pais existem ainda que não compreenda as vantagens de uma educação moderna e, só por si, capaz de libertar suas filhas de uma situação de manifesta inferioridade moral e material.

A vida ativa dos nossos dias, mobilizando todos os seres capazes, não pode deixar de utilizar como elemento de primeiro plano, a mulher válida, principalmente aquela que, pela instrução, se tornou capaz para certos serviços de homem. (*O Clarim*. São Paulo, maio de 1935, p.5).

Os principais jornais que surgiram no Brasil, intitulados como Imprensa negra, tiveram por objetivo informar a população negra sobre a situação em que estão imersos na pós-escravidão. O racismo e o preconceito dirigidos à população negra suscitaram, dos clubes sociais e da imprensa negra, atitudes ora conciliatórias, ora de enfrentamentos através da união nas organizações políticas e sociais.

Na segunda fase do Clube de Cultura Social, Petrônio Domingos (2004, p. 71 *apud* Leite, 1992) confirma que há uma ressignificação nas lutas dos movimentos negros com a criação do jornal *O Clarim*.

A Segunda Fase do Clube Negro de Cultura Social (1935-1938): o jornal *Clarim* Em 1934, Fernando Goes – um mulato extremamente intelectualizado se aproximou do Clube Negro de Cultura Social. Rapidamente, este intelectual despontou no meio negro sob a alcunha de Gandhi. Com a colaboração de outros ativistas (José de Assis Barbosa, Eunice de Paula, Henrique Cunha e Oscar de Paula Assis), criou o órgão jornalístico daquela entidade, batizado de *O Clarim*, marcando a transição para uma nova fase da luta.

Para Domingues (2004), a segunda fase do jornal *O Clarim* trazia em seus editoriais propostas de negação de qualquer repreensão contra a ordem social ou embate contra brancos. Há algumas matérias que solicitam o combate a “ódios ressentimentos”, porém, mesmo

com estes apelos e denúncias discriminatórias, as relações sociais entre negros e brancos em São Paulo demonstravam divergências.

Eunice de Paula Cunha destacou a sua voz de mulher negra, por profissão era professora. Importante voz feminina na década de 1930, teve sua liderança marcada também pelo fato de denunciar o destrato com as jovens negras trabalhadoras domésticas.

Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil (2006, p. 296), no livro *Mulheres Negras do Brasil*, citam uma matéria do Jornal Clarim d'Alvorada, datada de 1935, em que D. Nice, como ficou conhecida Eunice de Paula Cunha, faz denúncias contra o racismo.

Tudo se agita, os espíritos cultos lançam novas ideias com o fim de mudar a situação mundial. O Mundo está inflamado; [...] Só nós negras, caras patricias, extasiamos diante do acontecimento mundial. Quando as lutas se sucedem a fim de melhorar as lutas deste ou daquele povo, é sinal de que os espíritos tomam noções dos seus deveres, e suas boas ideias são aceitas.

[...] E nós patricias, precisamos nos mover, sacudir a indolência que ainda nos domina e nos faz tardias.

O cativo moral para nós ainda perdura. Notemos a fundação desta Escola Luís Gama com o fim de preparar meninas de cor para os serviços domésticos, outro direito.

[...] Por esta iniciativa se vê que para os brancos não possuímos outra capacidade, ou outra utilidade ou outro direito a não ser o eternamente os de escravos.

[...] Mas isso não sucederá... A vida de um povo depende de sua juventude. Pois bem, nós além de jovens, somos mulheres.

Nice Cunha dá ênfase à chamada de atenção às mulheres negras frente às realidades sociais em que estão inseridas. A luta por ascensão social seria, para as mulheres negras brasileiras, a retomada dos caminhos das ancestralidades que resistiram e não se resignaram ao sistema escravista.

Mulheres negras e jovens tornam-se a esperança de mudanças políticas e sociais diante da sociedade branca repressora e excludente. Para Eunice Cunha, diante dos brancos, negros serão eternamente escravos. Escrevendo em defesa das mulheres com chamamento para as ideias surgidas no pós-guerra, reconhece, enquanto jovem negra,

que seus pares, outras jovens negras, estão estáticas frente a tudo que se poderia avançar em sociedade.

A escrita para a imprensa negra faz com que a mulher se sobressaia em temas que superam as fazes românticas e a situação dela vai se modificando, à medida que o incentivo à educação busca a promoção social. A igualdade de gênero já se fazia presente nas ideias publicadas no Clarim d'Alvorada e Eunice Cunha, sob o pseudônimo Nice, se dirige as demais mulheres como multiplicidades de si. Todas as mulheres negras são Nices.

A vida ativa dos nossos dias, mobilizando todos os seres capazes, não podia deixar de utilizar como elemento de primeiro plano, a mulher válida, principalmente aquela que pela instrução, se tornou capaz para certos serviços como o homem. Mau grado, porém, todos os ensinamentos da vida prática, muitos pais existem ainda que não compreendem as vantagens de uma educação moderna. (O Clarim, n. 4, Maio 1935, p. 5).

Sobre a Escola Luis Gama, Nice a apresenta como uma construção intencional de mulheres brancas para terem mulheres negras a sua disposição como domésticas instruídas. A posição da jornalista professora é insurgência a imposição da elite branca que não deixa a abolição ocorrer.

#### Carta a Nice

As mulheres abastadas de nossa terra, essas que dizem de nobre estirpe e alta linhagem, mas que se esquecem na sua ignorância, que a sua genealogia, se for aprofundada, vai acusar no mais remoto dos seus descendentes, um degredado lusitano ou um velho negro da África e quando muito um produto do cruzamento racial, um mameluco, essas mulheres minha amiga é que pretendem fundar uma escola onde as famílias de São Paulo poderão encontrar para seu lar, auxiliares revestidas de idoneidade e competência. [...] O nome que deram a nova escola foi o de Luiz Gama. Nós bem sabemos Nice, quem foi Luiz Gama e o seu nome em tal escola é o opróbrio é a vergonha, é o ridículo com que nos querem atingir (Apud SALVADORI; SANTOS, 2006, p. 329).

Mulheres brancas instituindo uma escola para mulheres negras e denominando a mesma escola a uma das lideranças negras de suma importância, Luiz Gama. Nice, conhecendo a história de seus ances-

trais africanos, não se dá por vencida e sua resistência se constrói dia a dia ao escrever colunas esclarecedoras às mulheres negras não letradas, principalmente.

Partindo de suas convicções e da certeza de que suas ideias encontram receptividade, a mensagem de Nice busca o encontro com cada mulher negra em submissão. Em uma das colunas, há uma veemente despedida repleta de sugestões indicativas de caminhos apontados nas entrelinhas.

Isso, somente isso, Nice, era o que eu tinha para lhe dizer hoje, que é o dia máximo de uma máxima conquista, porque falando a você, eu tenho a certeza plena e a plena convicção de estar falando a todas as mulheres de nossa raça. (Apud SALVADORI; SANTOS 2006, p. 329).

Percebe-se que o destaque destas duas personalidades negras não foi suficientemente profundo a ponto de causar modificações no trato social e político para a participação mais efetiva das mulheres negras nos jornais da imprensa negra. Com isso, vamos descobrindo que vários motivos, dentre eles, os de organização social e política, vão podando a participação integral das mulheres nos movimentos sociais negros no decorrer do século XX, contudo, a força da mulher e das mulheres juntas é ferramenta que impulsionou muitas formas de manifestações, mesmo dentro de processos de submissão na história.

## 5. Submissão feminina e violência de gênero

A submissão da mulher ao homem, em meio à construção de uma ordem social, teve sua origem na sociedade patriarcal, em que o domínio do homem sobre a família e sobre as vidas dos membros da família tornou-se decisivo para que, durante séculos, as consequências deste modo de organização política, social e religiosa se transformassem em violência contra a mulher.

A professora Maria Dolores (2010), na apresentação do livro *Feminino e feminicídio: estudos sobre relações de gênero, violência, feminilidade e cultura* (MADEIRA, 2010, p. 7), nos indica que:

A violência de gênero praticada contra mulheres resulta de relações desiguais de poder nas quais se constrói a noção de um feminino subordinado ou para a sujeição e de um masculino dominador.

Essas relações constituem a base da ordem patriarcal, prevalecente na cultura brasileira, que realiza a definição tanto na dimensão concreta quanto simbólica, do que é ser mulher e ser homem. Esses elementos culturais se inscrevem no corpo dos sujeitos, desenhando um homem dominante oposto a uma mulher submissa, como uma realidade natural. Assim, masculino e feminino são construídos são construídos sobre a diferença sexual, como oposições que confluem para sustentarem se mutuamente, de modo a reproduzir cotidianamente a dominação masculina e a sujeição feminina.

Levando em consideração a invisibilidade da mulher negra, na mídia escrita brasileira, escondida por trás do discurso machista disfarçado de protetor, Petrônio Domingues (2005) explica como o *Jornal A Voz da Raça* dava às mulheres negras um papel insignificante.

*Jornal A Voz da Raça*

[http://www.quilombhoje2.com.br/blog/wp-content/gallery/geral\\_1/a-voz-da-raca.jpg](http://www.quilombhoje2.com.br/blog/wp-content/gallery/geral_1/a-voz-da-raca.jpg)

O *Jornal A Voz da Raça* lançou uma coluna para as mulheres, porém não deu continuidade. Abaixo, podemos perceber como o tratamento dado à mulher negra a desqualifica, segundo o mesmo autor:

O *Jornal* chegou a qualificar a mulher negra de “sexo frágil”. A fundação de um núcleo de mulheres negras em Jundiá – Grupo das Rosas – foi parabenizada pelo jornal como mais uma tentativa de “a levantamento do sexo frágil” (Id., 29/06/1935:3). Isto não aconteceu uma única vez. Ao analisar o comportamento dos homens negros em “Crônica Afeminada”, Iná dizia: “eu também pertencço ao sexo fraco (Id., 1936:3/07). Portanto, não só o jornal *A voz da Raça* (*Jornal da Frente Negra Brasileira*), mas também a própria frentenegrina qualificou a mulher negra como “sexo fraco”. [...] O jornal compartilhava da concepção de gênero que predominava na época: a mulher era um sexo frágil e devia ser preparada, fundamentalmente, para assumir seu papel de esposa, dona-de-casa e mãe, daí a existência de uma coluna fixa para veicular receitas culinárias e orientações referentes ao serviços domésticos (DOMINGUES, 2007, p. 369 - 371).

Trazendo o assunto para a contemporaneidade, as atitudes da mulher negra (nada frágil, nada submissa) mostram a fortaleza de que estão cercadas suas subjetividades, que as colocam em patamar superior, no sentido de que as lutas, os desejos e sonhos podem se expressar de diversas formas.

## 6. Mulheres negras: caminhos de expressão político-social

No século XX e no novo século, algumas foram as mulheres negras protagonistas de histórias reveladas, poucas as que foram apresentadas e, por isso, caíram no esquecimento da história oficial.

Carolina Maria de Jesus, por exemplo, é lembrada por Sidney Santiago - ator e um dos fundadores da *Cia. de Teatro Os Crespos* - como a mulher negra e pobre que escreve sobre suas experiências de vida e torna-se protagonista da sua história.

Carolina Maria de Jesus

[http://acervo.estadao.com.br/imagens/105x65/maria\\_carolina\\_de\\_jesus\\_13\\_12\\_19161\\_site.jpg](http://acervo.estadao.com.br/imagens/105x65/maria_carolina_de_jesus_13_12_19161_site.jpg)

Uma Iansã louca que dançava na brasa de Xangô, usava colar de pérolas e tinha cerol na língua.

“Quando agente tem fome a gordura fritando na panela é um espetáculo deslumbrante...”, dizia.

O que falar de Carolina Maria de Jesus?

Uma mulher negra favelada que escreveu um livro sobre a favela, ou uma catadora de papel que nas horas vagas resolvia escrever e seus escritos foram achados e publicados?

Nem uma das descrições acima me apetece.

Carolina foi megafone ambulante, caixa de música e como todo artista que é genial, ela sangrou na avenida.

Como materializar essa mulher que no auge dos anos 50 e 60 foi uma pedra no sapato de Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros?

Certa vez Carolina disse:

“O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A Fome também é professora”. (Pós lula seria Carolina também vidente?)

(O Menelick 2º Ato, 2010)

Carolina é muito mais, diz Sidney Santiago (2010): “[...] ela foi navalha que feriu profundamente os interesses do projeto nacional de invisibilizar a maioria [...]”.

Neste mesmo sentido, sobre a invisibilidade da mulher negra, a antropóloga Teresinha Bernardo (2007), no livro *Memória em Branco e Negro: olhares sobre São Paulo, entrevista senhoras negras da cidade de São Paulo com o intuito de perceber qual a visão delas sobre a cidade*

de que seria para muitos a cidade do progresso, para outros a cidade das dificuldades.

As entrevistas de Teresinha Bernardo (2007, p.57) com mulheres velhas e negras lembram a mobilidade dos pobres na cidade de São Paulo por conta de dificuldades de moradia na cidade que se encaminhava para o progresso.

As velhas negras lembram que mudavam sempre. Quando o local onde residiam passava a ter a infraestrutura necessária, eram obrigadas a se transferir para bairros mais distantes, onde o aluguel era mais barato. Assim, algumas de minhas interlocutoras lembram que nasceram ou chegaram ao Ipiranga, mas não conseguiram se fixar lá por muito tempo.

Essas velhas negras apresentadas nos relatos de Teresinha Bernardo (2007, p. 57) trazem em si as marcas dos cortiços, que são histórias muito próximas da história de Carolina de Jesus na favela. Estes relatos apresentam a conotação da forma desprezível como as mulheres negras e pobres viviam na década de 1930 em São Paulo.

Morar no cortiço é ruim que só vendo. Tive os meus quatro filhos num quarto. Ficávamos todos ali naquele aperto. Agora que tenho um quarto só para mim, percebo como vivia mal, acho que aquilo não era coisa de gente.

(MARIA)

Até hoje tenho um tipo de sonho ruim, que voltei para o cortiço, sinto até o cheiro. Era muita gente num cômodo só.

(MARIA ALDIVA)

No cortiço, todos sabiam tudo de todos, era uma coisa muito ruim, um banheiro para mais de trinta pessoas. Mas vou te dizer uma coisa, sempre fui sozinha, e no cortiço sempre tive quem olhasse meus filhos para que eu pudesse trabalhar.

(FLORA)

Nas memórias das mulheres negras, permanecem as marcas das dores sofridas em diversas circunstâncias da vida, como o cuidar sozinha dos filhos, o trabalho doméstico, as discriminações e a invisibilidade no contexto histórico e social.

Como vimos, a partir dos depoimentos citados de mulheres idosas, quando jovens, estavam sem companheiros, a trabalharem para o sustento da família. Temos, assim, mais uma das características das relações de gênero que se apresenta no extrato histórico social definindo os lugares de homem e mulher.

A prof. Dra. Maria Zelma de Araújo Madeira, no artigo “O Feminino e a Maternidade como construção sociocultural”, define gênero e nos mostra como estão postas as características destas relações no Brasil.

As características de gênero são construções socioculturais que variam através da história e se referem aos papéis psicológicos e culturais que a sociedade atribui a cada um que considera masculino e feminino.

Assim, gênero, antes de tudo, é relação social. Gênero se refere às relações sociais de poder e às representações sobre os papéis e comportamentos de homens e mulheres na nossa sociedade.

As relações de gênero no Brasil se estruturam sob forma de desigualdades, especificamente no que concerne o respeito aos direitos de cidadania das mulheres. (MADEIRA, 2010, p.79).

Nesta exposição, se torna perceptível que as mulheres negras sofrem tripla exclusão: de gênero, étnica e social. Este raciocínio nos remete às seguintes indagações: que ações efetivas em formas de políticas para as mulheres e, em especial, para a mulher negra, como direito à cidadania, têm sido desenvolvidas para que se supere a discriminação e os preconceitos que tem este público como alvo? Lembrando que direitos implicam em políticas de educação, saúde, controle de natalidade, moradia. A invisibilidade da mulher negra na história social do Brasil influencia diretamente nos tipos de políticas de inclusão? Nas que por ventura existam ou estão sendo elaboradas? A partir dessas colocações, puderam ser encaminhadas as definições que norteiam a temática escolhida para esta produção.

Primeiramente, nos foi apresentado que o contexto político e social, entre as décadas de 1920 e 1950, não favorecia uma participação direta da mulher nos setores sociais e muito menos na política. Em seguida, viu-se que o papel definido para a mulher na sociedade a leva a uma situação inoperante diante do processo histórico-social.

A bibliografia sobre a qual nos debruçamos mostra a participação da mulher negra nos movimentos negros que surgiram com a organização dos periódicos da imprensa negra no Brasil e que vieram trazer à tona denúncias da situação de racismo e preconceitos. Há uma invisibilidade notória, pois não encontramos fontes bibliográficas, na mídia ou escritas, que mencionem diretamente a contribuição da mulher negra na construção da nação brasileira.

Se acima nos referimos a mulheres de classe média *invisibilizadas*, cabe a indagação: há mulheres negras brasileiras visibilizadas na classe alta? Onde estão suas histórias?

E mais agravante: como visibilizar o que não se quer ver - as mulheres negras pobres e subalternizadas? Onde estão suas histórias?

## 7. Mulheres negras brasileiras re-definindo atitudes políticas e sociais- norteando-se por uma mulher negra norte americana

Ângela Yvonne Davis - poderá nos auxiliar com algumas respostas às indagações postas - militante das questões raciais e de classe, com a palestra: “Mulheres negras na construção de uma nova utopia”, proferida na conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997, em São Luís (MA), na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzales, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza.

Ângela Davis (1997)<sup>2</sup> iniciou sua fala exaltando a importância da iniciativa de construção do evento e ponto central, que se tratava da invisibilidade forçada da mulher negra no Brasil. “Ao mesmo tempo em que a mulher negra é considerada a mãe da cultura brasileira, ela é ao mesmo tempo invisível. E vocês sabem que nos Estados Unidos as mulheres negras têm lutado há décadas para acabar com essa invisibilidade”.

Ao expressar-se sobre as lutas das mulheres nos Estados Unidos, Davis diz que, mesmo com muitas lutas, ainda há invisibilidade, mulher negra não conta para história social:

<sup>2</sup> Conferência disponível em: [https:// www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-](https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-)

Num certo sentido, já percorremos um longo caminho e em outro continuamos invisíveis. Eu faço parte de um comitê que indica pessoas para receberem o prêmio dado por uma entidade negra denominada Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor - National Association for the Advancement Colored People/NAACP- e fiquei assustada por encontrar dentre os premiados um número tão pequeno de mulheres negras.

Em consonância ao que expusemos anteriormente, Ângela Davis se refere às mulheres negras de classe média como as que mais visivelmente se apresentam na sociedade norte americana. Ao ascender socialmente, a classe média negra abandona a comunidade e esquece os elos que os une:

Outro ponto que gostaria de abordar é o fato de que, quando as mulheres negras adquirem mais visibilidade, sempre se trata de mulheres de classe média. Um problema que temos enfrentado, atualmente é o seguinte: na medida em que os negros ascendem socialmente, eles têm deixado para trás sua própria comunidade. Não querem estabelecer nenhuma relação com as mulheres negras da Previdência Social, nem ser relacionados às pessoas negras que estão na prisão. Porém, alguns de nós estamos dizendo: “eles são nossos irmãos”, e se adquirirmos certo grau de visibilidade, foi em cima dos ombros daqueles que ficaram para trás (DAVIS,1997).

Assim como no Brasil, no início das primeiras décadas do século XX até meados da década de 50, nos Estados Unidos, segundo Davis, os clubes negros e clubes de mulheres negras existiram com a função de resgatar as camadas mais pobres da comunidade afro-americana. Notamos que em sua fala Ângela Davis revela certo saudosismo.

Gostaria de voltar ao século XIX, quando existiam clubes de mulheres negras que utilizavam o seguinte slogan: **Puxar para cima enquanto a gente avança**. Isso para explicar a relação atual entre as mulheres negras de classe média e as pobres a partir de um novo projeto. Hoje, nos EUA, em função do crescente empobrecimento, as mulheres negras pobres são responsabilizadas pela sua própria miséria. As mães solteiras geralmente estão nos serviços da Previdência Social e são colocadas como as reprodutoras da pobreza e da marginalidade (DAVIS, 1997).

Nos casos anteriores, tanto a assistente social Maria Nascimento, quanto Nice Cunha, esposas de dirigentes de jornais que influenciaram a comunidade negra, estão retidas aos olhos dos pesquisadores, visto que na atual mídia universal, a internet, não conseguimos referências de fotográficas de qualquer forma.

Essa constatação nos dá apoio para apontar a invisibilidade imposta à mulher negra por força das relações de gênero e outros conceitos correlatos atribuídos às mulheres nos diversos períodos da história. Conceitos ideológicos que diminuem a mulher em relação ao homem, como “mulher é frágil”, “mulher não aprende”, “mulher não tem direito sobre sua sexualidade”, e que muito tem prejudicado as mulheres em todas as dimensões da vida e, em se tratando das mulheres negras, os efeitos à saúde física, mental e social são agravantes. As palavras de Ângela Davis (1997) reafirmam:

É preciso aprender a estabelecer a relação entre gênero, raça, classe e sexualidade. Nós temos que lutar por saúde física, mental, emocional e espiritual. Sabemos que as mulheres negras norte-americanas têm muito que aprender com as irmãs brasileiras sobre a saúde espiritual. E aprender a reverenciar nossas ancestrais, permitir que elas nos alimentem para que possamos continuar nossa luta. Nós temos que evocar espíritos como o de Aqualtume, o de Beatriz Nascimento e o nome de Lélia Gonzales.

Para melhor compreendermos os referenciais de mulheres que Ângela Davis aponta, demonstraremos um pouco da história social de três mulheres que a história oficial invisibiliza.

Lélia Gonzales e Ângela Davis

Fonte - <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/do-brasil-para-o-mundo.jsp>

## 8. Lélia Gonzales

É a negra que marca maior presença nos movimentos sociais na década de 70 e 80. Neste período, o movimento de mulheres possui grande articulação.

Lélia nasceu em Minas Gerais, filha de pai negro e mãe índia, era a caçula de 13 irmãos. Militante constante da causa da mulher e

do negro, em todos os espaços que atuou se fez digna representante. Nas escolas e nas faculdades - graduou-se em História/Geografia e Filosofia - era reconhecida pela dedicação e inteligência.

Como educadora, Lélia lecionou em muitas escolas de nível médio, em faculdades e universidades. Pela inteligência e conhecimento que demonstrava na argumentação e por sua capacidade de comunicar e instigar alunos e alunas à reflexão, a professora negra foi muito bem recebida em escolas confessionais, tendo sido, também, professora convidada no Centro de Estudos de Pessoal do Exército Brasileiro, por alguns anos.

Como bolsista pela Fundação Ford, no ano de 1984, Lélia Gonzalez mudou-se para os Estados Unidos, para o desenvolvimento do projeto "Mulher Negra: proposta de articulação entre raça, classe e sexo", em parceria com Tereza Cristina Araújo Costa. Em suas caminhadas pelos EUA, conheceu mulheres negras norte-americanas líderes dos movimentos sociais de mulheres negras, tendo à frente Angela Davis, Dorothy Height, Queen Mother Moore, Miss Helena B. Moore. Estas duas últimas, segundo Lélia Gonzales:

São verdadeiros arquivos vivos da história do movimento negro americano. Recebi delas o maior estímulo em face do nosso trabalho no Brasil". "[...] Constatei que a popularidade de Angela Davis entre aquelas mulheres de classe média afro-americana é enorme, apesar de sua conhecida militância comunista. Mas, ao ouvi-la falar, compreendi talvez, que essa questão se torna absolutamente secundária: a força e a competência de sua articulação segura, aliadas ao brilhantismo com que expõe suas ideias transfiguram-na de tal maneira que a plateia fica como que eletrizada, suspensa no fio de suas palavras<sup>3</sup>.

As viagens de Lélia Gonzales por diversos países fizeram com que as experiências adquiridas reestabelecessem e solidificassem ainda mais as suas forças e esperanças de transformação e conscientização sócio-política através da ação que transforma ideais em sonhos a se concretizar.

Beatriz Nascimento

<https://www.google.com.br/search?q=BEATRIZ+NASCIMENTO&source=lnms&tb>

3 Biografia e discurso de Lélia Gonzalez. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliagonzalez/vida/do-brasil-para-o-mundo.js>

## 9. Maria Beatriz Nascimento

No artigo Trajetórias e lugares de uma mulher negra, Alex Ratts (2004, p.7) nos fornece uma introdução a sua bibliografia e, neste caso, percebemos que a imprensa paulistana deu ênfase ao trabalho desenvolvido por esta pesquisadora negra em uma década posterior a Maria de Lourdes Nascimento e Eunice de Paula Cunha.

Maria Beatriz Nascimento nasceu em Sergipe em 1942. Por volta de 1950, migrou com a família para o Rio de Janeiro, onde se graduou em história pela UFRJ. Ao longo de vinte anos, tornou-se estudiosa do tema quilombo, aliando estudos de toponímia - nomes de lugares - pesquisa de campo, além da comparação entre África e Brasil.

Há registros seus em entrevistas a jornais de grande circulação nacional, a exemplo, o *Suplemento Folhetim da Folha de São Paulo* e artigos publicados em periódicos acadêmicos como *Revista de Cultura Vozes*, *Estudos Afro-Asiáticos* e *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*.

## 10. Referência ancestral de gênero - a princesa africana Aqaltune

Aqaltune

<https://www.google.com.br/search?q=foto+de+aqaltune&tbm=isch&itbs=rimg>

Aqaltune era uma princesa africana, filha do importante Rei do Congo. Numa guerra entre reinos africanos, foi derrotada, juntamente com seu exército de 10 mil guerreiros, e transformada em escrava. Foi levada para um navio negreiro e vendida ao Brasil, desembarcando no porto de Recife. Comprada como escrava reprodutora, foi levada para a região de Porto Calvo, no Sul de Pernambuco.

Então, ela ouviu falar em um chamado Reino dos Palmares. Desde o primeiro momento da escravidão no Brasil, que vários negros criaram centros de resistência fugindo para o interior. Mais ou menos em 1606, um grupo de escravos conseguiu se estabelecer nas montanhas de Pernambuco, e ali conseguiram estabelecer um "mocambo", na região conhecida como Palmares.

Ali, Aqaltune deu a luz a dois filhos, ambos guerreiros que também entraram para a história: Ganga Zumba e Ganga Zona, conhecidos pela sua coragem e liderança. Também teve uma filha, de nome Sabina, que teve mais tarde, um menino chamado Zumbi, que mais tarde ficaria conhecido como “Zumbi dos Palmares”, e seria reconhecido como um dos maiores líderes negros da história.

Aqaltune se tornou referência de liderança e resistência para o povo negro brasileiro. Mulheres e homens, nos movimentos negros, têm em Aqaltune a ancestral que deu a seu povo o Guerreiro Zumbi de Palmares. Segundo a mitologia africana, a guerreira africana tomou para si, de volta para a África, os guerreiros que sucumbiram à derrubada do Reino – Quilombo de Palmares.

Todas as mulheres aqui referenciadas tiveram, em algum momento de suas vidas, Aqaltune como espelho, modelo de resistência e força para se superarem e superarem os preconceitos, o racismo e toda sorte de discriminação. Os movimentos sociais, políticos, religiosos e culturais de referência africana e afro-brasileira, fundados e liderados por mulheres negras, impulsionaram e impulsionam outras mulheres negras, desde a infância, a se firmarem em seu território, a ocuparem todos os espaços que são seus por direito de liberdade de vida, de escolha, dentro dos dinamismos civis e governamentais da sociedade.

## Considerações

Ao se tratar neste trabalho da invisibilidade da mulher negra na imprensa negra brasileira e ter como referência central a assistente social Maria de Lourdes Nascimento, colaboradora do jornal *O Quilombo*, co-fundadora do Teatro Experimental do Negro-RJ, e a professora Eunice de Paula Cunha, colaboradora do jornal *O Clarim* e responsável pelo editorial do jornal *O Clarim d'Alvorada*, em sua segunda fase, consideramos que são duas mulheres negras que seguem invisibilizadas.

Das referências que encontramos sobre suas vidas, vários fatos se repetem, o que significa não haver avanço nas produções acadêmicas quanto à produção bibliográfica que lhes deem visibilidade e a outras tantas mulheres negras que se engajaram e se engajam nas lutas pela ascensão social nas comunidades negras e na sociedade em geral.

Em se tratando das mulheres negras, que são maioria, e, maioria empobrecida, as possibilidades de destaque e visibilidade são mínimas, mesmo nos grupos de referências, como as organizações sociais negras, que também carregam um ranço de patriarcalismo, machismo e sexismo.

Tudo isso nos faz crer que há a necessidade de emprendermos o desenvolvimento de estudos, pesquisas e produções que tragam à tona a vida das mulheres negras que deram a sua contribuição para a construção da história social e política do Brasil, tirando-as das sombras de uma sociedade ainda marcada pelo domínio do pensamento masculinizante, preconceituoso e racista.

Considero que estas mulheres ainda continuam na invisibilidade, pois as informações sobre suas vidas e ações ainda são muito dispersas, ou seja, as fontes são fragmentadas e necessitam ser aproximadas para análise e produção textual.

Pela importância histórica e social destas personagens femininas negras, suas biografias devem se tornar produções literárias. Suas histórias de vida ainda são pouco conhecidas, pois, quando chegam ao meio acadêmico, estão ligadas a uma diversidade de temas, o que as desassocia das linhas de estudos da história dos afrodescendentes no Brasil.

Contudo, o desenvolvimento dos estudos africanos e afro-brasileiros, nos últimos anos, tem avançado com a instituição dos NEAB's nas Universidades, a criação de fóruns de relações etnicorraciais, coordenadorias e inserção da população negra nos diversos setores da política e da sociedade civil, marcando a representação de uma maioria por vezes incentivada a ter a garantia de seus direitos preservados.

Iniciamos este artigo, enfatizando as relações entre a imprensa negra brasileira e a norte americana na troca de experiências sobre as relações raciais que, na visão de militantes negros estadunidenses, o Brasil seria o lugar em que as relações entre brancos e pretos ocorriam naturalmente, sem discriminações ou racismo.

No decorrer da produção com as duas personagens centrais Maria de Lourdes Nascimento e Eunice de Paula Cunha, escritoras de colunas em jornais carioca e paulista, permaneceram por muitos anos nas lutas pelos direitos da visibilidade das mulheres negras, suas contemporâneas. Portanto, até a elaboração desta pesquisa, não encontramos

diversidades de elementos e fontes que pudessem reconhecer a importância de seus papéis sociais e históricos na luta por igualdade racial.

Sobre as mulheres negras também brasileiras, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, em períodos diversificados, se sobressaíram, enquanto mulheres negras, como estudantes, escritoras, ativistas, dando voz e vez a tantas vozes caladas de mulheres negras que permanecem em sociedade sem que se sobressaíam. Essa representatividade mostra que sair da invisibilidade através dos meios de comunicação social, como a imprensa negra, e da militância nos movimentos político-sociais, favoreceu outras mulheres negras, jovens ou não, a tê-las como lideranças a serem seguidas.

A inspiração dos movimentos civis negros norte-americanos com a participação ativa das mulheres negras, tendo Ângela Davis como exemplo a ser admirado e seguido, fortaleceu a luta de mulheres negras no Brasil e em outros países. Todavia, ainda não foi o suficiente para deter os racismos e preconceitos sobre as mulheres negras.

As lutas permanentes das mulheres negras por visibilidade, em todos os segmentos políticos e sociais, se fortaleceram, criando correntes de elos resistentes e abraçando a causa do povo negro em constante processo de resistência, sobretudo, tendo entendimento que as ancestralidades as sustentam em sua caminhada.

Dessas personalidades ancestrais, trouxemos para este momento a figura de Aqualtune como símbolo de resistência negra feminina. São, nas continuidades e descontinuidades, que as mulheres negras justificam que viver é permanecer em busca de equidade para o povo negro no presente e para as gerações no por vir.

## Referências

BERNARDO, T. **Memória em Branco e Negro**: olhares sobre São Paulo. São Paulo: UNESP, 2007.

Conheça Aqualtune Avó de Zumbi de Palmares - Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/12428/conheca-aqualtune-avo-de-zumbi-dos-palmares>

DAVIS, A. **Cadernos do CEAS** n.210 – Março/Abril, 2004. Disponível em: <http://kamugere.wordpress.com/2011/07/05/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em 18 de Novembro de 2011.

DOMINGUES, P. **Frentenegrinas**: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. *Cadernos Pagu* (28), Janeiro a Junho de 2007, 345-374.

MADEIRA, M. ; MOTA, M . **Feminino e Femicídio**: estudos sobre relações de gênero, violência, feminilidade e cultura. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

MADEIRA, Z. O Feminino e a Maternidade como construção sócio-cultural. In: **Feminino e Femicídio**: estudos sobre relações de gênero, violência, feminilidade e cultura. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **O mundo negro**: a constituição do mundo negro contemporâneo no Brasil, 1970-1975. (Tese). Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

Projeto memória. Biografia e discurso de Lélia Gonzalez. Disponível em: <http://www.projetomemoria.arte.br/leliagonzalez/vida/do-brasil-para-o-mundo.js>

RATTS, A. **Trajetórias e lugares de uma mulher negra**: a geopoética de Beatriz Nascimento. Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre 01 e 04 de agosto de 2010, Belém. Disponível em: [http://www.iconecv.com.br/27rba/arquivos/grupos\\_trabalho/gt12/ar.pdf](http://www.iconecv.com.br/27rba/arquivos/grupos_trabalho/gt12/ar.pdf). Acesso em 17 de Novembro de 2011.

RIBEIRO, F. **Fronteiras em Definição**: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no *Jornal Clarim da Alvorada* 1924 a 1932. Dissertação de Mestrado – Universidade De São Paulo Programa de Pós- Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, 2010.

SALVADORI, M. A. B. ; SANTOS, P. S. . Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo (1915-1933). In: **VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação**, 2006, Uberlândia. VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Uberlândia :

Universidade Federal de Uberlândia, 2006. v. 1. p. 238-239.

SANTIAGO, Sidney. O Menelick 2º Ato. Disponível em: <[http://omelicksegundoato.blogspot.com/2010\\_11\\_01\\_archive.html](http://omelicksegundoato.blogspot.com/2010_11_01_archive.html)>. Acesso em 18 de Novembro de 2011.

SANTOS, P. *Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo (1915-1937)*, Itatiba: 2007.

SCHUMACHER, S. e BRAZIL, E. *Mulheres Negras do Brasil*. São Paulo: Senac, 2006.

SILVA, J. Maria de Lurdes Nascimento: Liderança Afro-Brasileira dos anos quarenta. In: Cavalcanti, Maria Juraci Maia; Quiroz, Zuleide Fernandes de. (Org.). *História da educação - vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: UFC Edições, 2008.

\_\_\_\_\_. *Vozes soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no pós 1945*. *Revista da ABPM* v. 1, n. 1 - mar-jun de 2010 (p. 28-38).

Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=Joselina+da+Silva+v.+1%2C+n.+1+-+mar-jun+de+2010+\(p.+28-38\)+ABPM&coq=Joselina+da+Silva+v.+1%2C+n.+1+-+mar-jun+de+2010+\(p.+28-38\)+ABPM&aqs=chrome..69i57.8527j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=Joselina+da+Silva+v.+1%2C+n.+1+-+mar-jun+de+2010+(p.+28-38)+ABPM&coq=Joselina+da+Silva+v.+1%2C+n.+1+-+mar-jun+de+2010+(p.+28-38)+ABPM&aqs=chrome..69i57.8527j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8) acesso em 201/11/2017